

Augusto dos Anjos: um olhar sobre a primeira recepção de sua obra

Augusto dos Anjos: a look at the first reception of his poetry

Denise Carneiro Nazareth¹

Resumo: Tendo como base a “Estética da recepção”, de Hans Robert Jauss; *O ato da leitura*, de Wolfgang Iser; e a *Estrutura da lírica moderna*, de Hugo Friedrich, este artigo tem como objetivo lançar um olhar sobre possíveis causas da recepção negativa da obra do poeta paraibano Augusto dos Anjos, pela crítica do início do século XX, por ocasião da edição *princeps* de seu livro de versos *EU*. Pretende-se demonstrar que a repulsa ao emprego do vocabulário oriundo da ciência, maciçamente empregado pelo poeta, teria sido consequência de uma abordagem mais tradicional por parte dos críticos, levando-os à incompreensão, que resultou na repulsa aos versos do poeta.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos. Recepção crítica. Vocabulário científico. Rejeição.

Abstract: Based on “Reception theory” by Hans Robert Jauss; *The act of reading* by Wolfgang Iser; and *The structure of modern poetry* by Hugo Friedrich, this article aims to take a look at possible causes of Augusto dos Anjos’ poetry rejection by the criticism in the early 1900 when his poetry book called *EU* was first published. We intend to demonstrate that a more traditional approach by the criticism leads to misunderstanding and rejection of the science vocabulary largely used by the Brazilian poet.

Keywords: Augusto dos Anjos. Criticism. Science vocabulary. Criticism rejection.

O poeta paraibano Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos teve uma única obra publicada em vida. Seu livro de versos, intitulado *EU*, teve uma tiragem de 1.000 exemplares na primeira edição, em 6 de junho de 1912.

Segundo Raimundo Magalhães Jr. (1977, p. 257), Augusto dos Anjos apressou-se a enviar exemplares a jornalistas, críticos e escritores em evidência. Acreditamos que o poeta estava ciente de que a sua obra causaria impacto na crítica, mas provavelmente ele não previu o tamanho da repercussão. A maioria dos críticos da época repudiou a sua poesia. “O *EU* nascia feito ‘anjo torto’, sob o signo [...] da contradição” (HELENA, 1984, p. 18).

A rejeição aos seus versos iniciou-se mesmo antes da publicação de sua obra. Francisco de Assis Barbosa (ANJOS, 1971, p. 319), nas conhecidas “Notas bibliográficas” à 31.^a edição de *EU*, mencionou que

“Nenhum editor quisera publicar o seu manuscrito”, que acabou financiado por seu irmão Odilon dos Anjos. À época da primeira edição, o Rio de Janeiro estava no caminho da europeização. A *Belle Époque* francesa e sua *art nouveau* haviam chegado à cidade, onde fervilhavam as mudanças políticas, sociais e arquitetônicas. Os salões cariocas eram ocupados por uma sociedade ávida em adquirir e demonstrar conhecimento cultural.

No centro aristocrático da cidade, que se formou com a abertura da Avenida Central, na elegante Rua do Ouvidor e nos salões sociais, o bom gosto e a compostura eram fundamentais para a aceitação das obras por parte de uma sociedade acostumada à literatura amena, que ficou conhecida como “literatura sorriso da sociedade”.

Segundo escreveu Carmen da Matta (2003, p. 270), em seu artigo intitulado “O Rio de Janeiro na literatu-

¹ Mestre e especialista em literatura brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Licenciada em Letras pela Universidade Veiga de Almeida, RJ. Doutoranda em literatura brasileira na UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6246-9582>. E-mail: denisec.nazareth@gmail.com



ra”, “[...] a poderosa sombra machadiana ainda pairava sobre as artes [...]”. O fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL) era rigoroso quanto aos escritores e textos, tendo, inclusive barrado alguns autores na ABL.

Para termos ideia do perfil de poeta aceito pela ABL, dentre os seus fundadores estão grandes artistas do verso como Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia.

A poesia de Augusto dos Anjos distanciou-se das estrelas de Bilac e das pombas de Raimundo Correia. Ela está repleta de termos da ciência e cenas escatológicas. Um poeta que escreve “Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques” (ANJOS, 1994, p. 195), em um ambiente literário onde “imperava a inutilidade”, conforme escreveu Ferreira Gullar (1995, p. 23), mostra-se desafiador.

Uma das primeiras notícias sobre o livro, publicada no jornal *A Tribuna*, dois dias após a primeira edição, resume-se a um breve agradecimento pelo exemplar recebido e promete uma crítica a respeito. Magalhães Jr. (1977, p. 257) menciona que a referida nota foi publicada a pedido de pessoa influente, conhecida da família do poeta, apenas para não deixar passar em branco a publicação da obra.

Nazareth Menezes (1912) escreve na coluna “O livro do dia”, no jornal *Gazeta de Notícias*, em 14 de junho de 1912, que “a poesia científica passou”, “não chegou a fazer escola” e que “a expressão verdadeira de nossa poesia é a lírica”. Para o crítico, a presença de termos oriundos da ciência “faz perder parte do encanto que a forma lhes empresta”, e finaliza dizendo esperar que Augusto dos Anjos abandone a poesia científica, por ser “muito imprópria”.

Ao dizer “faz perder parte do encanto que a forma lhes empresta”, Nazareth Menezes provavelmente referiu-se à forma soneto, muito presente na poesia de Augusto dos Anjos, o que parece ter agradado o crítico, porque evidenciou uma característica da poesia parnasiana, ainda em voga à época. Contudo, percebemos que, ao deparar-se com um rol de termos científicos, Nazareth Menezes a repudiou, porque

pensou tratar-se da poesia científica. Mas, como esta “não chegou a fazer escola”, nas palavras do crítico, este rejeitou os versos do poeta paraibano, pois eles sequer pertenciam, a seu ver, a um movimento literário conhecido pela crítica.

“Senhor de uma cultura científica superior à sua idade”, segundo o poeta diamantinense Antônio Torres, no *Jornal do Comércio*, em 1914 (1994, p. 55), Augusto dos Anjos lançou mão de termos oriundos da botânica, da morfologia evolucionista, do monismo materialista e da fisiologia, como, “moneras, simbiose, mônada, vírus, quimiotaxia, raio-x e micróbios”.

De acordo com Flávio Sátiro Fernandes, no *Jornal de Poesia*², Augusto dos Anjos teria sofrido influência das teorias evolucionistas e monistas enquanto estudou Direito na Faculdade de Recife (1903-1907), onde teve contato com o pensamento dos principais teorizadores da poesia científica no Brasil: Sílvio Romero, Martins Júnior e Rocha Lima.

Ferreira Gullar (1995, p. 2) escreve que “No ambiente universitário do Recife, Augusto [...] certamente, tomou conhecimento das várias doutrinas derivadas do materialismo e do evolucionismo [...], que marcariam profundamente sua visão de mundo e sua poesia”.

Gilberto Amado, em depoimento quanto ao ambiente na Faculdade de Direito do Recife, por volta de 1905, afirmou: “Quase todo rapaz do meu tempo em Pernambuco era agnóstico, darwinista, spencerista, monista” (AMADO, apud PAIM, 1997, p. 51).

No capítulo final do livro *Perfis no Norte* (1913), Santos Neto, companheiro de Augusto dos Anjos na faculdade de Direito de Recife, afirma que o poeta paraibano era “um apaixonado pelas ciências físicas e naturais”, sendo “um adepto da poesia científica”, mas que o fez “sem didatismo” (SANTOS NETO, 1913 apud MAGALHÃES JR., 1977, p. 192).

Pela presença maciça de termos da ciência em sua poesia, concordamos que Augusto dos Anjos teria sofrido influência do pensamento científico propagado pela Escola do Recife. A poesia científica surgiu em seu âmbito como movimento cultural de ampla repercus-

² O texto de Flávio Sátiro Fernandes consta no *Jornal de Poesia*, disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/satiro01.html>. Acesso em: 10 fev. 2018. Não há referência da data de publicação do texto.

são, na segunda metade do século XIX, e congregou intelectuais de diferentes campos do saber. Antônio Paim (1997, p. 50) menciona que a Escola do Recife, para combater as ideias espiritualistas, se apoiou no positivismo, no darwinismo e no materialismo.

Em 1883, Martins Junior escreve *A poesia científica*, um manifesto, defendendo a ligação entre poesia e ciência. O estudioso afirma que o fazer poético é algo semelhante ao processo científico, porque tanto o poeta quanto o cientista sentem “a poesia do objeto que estudam” (MARTINS JUNIOR, 1914, p. 58). Martins Junior (1914, p. 20-22) esclarece que a poesia científica nasceu didática, por volta do século I A.C. e tornou-se científica ou filosófica, refletindo o pensamento predominante de cada época, mas sem perder “as roupagens da imaginação”. “A ciência oferece uma fonte inesgotável às perífrases engenhosas” (LEMAITRE apud MARTINS JUNIOR, 1914, p. 60).

Segundo Martins Junior (1914, p. 62), a poesia científica restabeleceria a “fenomenalidade das coisas”, e para que o poeta conseguisse recriar o universo no qual estamos imersos, ele precisaria “conhecer e apreciar os fenômenos e as suas relações constantes que são as leis [...] e por consequência”, seria obrigado a “abeberar-se na ciência”. O mundo não seria mais visto como uma criação divina ou como uma cópia imperfeita de um mundo ideal, mas como um conjunto de fenômenos que poderiam ser observados à luz da razão.

Anatol Rosenfeld (1996, p. 263) escreve que “Ao ler-se os poemas de Augusto dos Anjos, o que de imediato chama a atenção é naturalmente a sedução dir-se-ia erótica que sobre ele exercem os termos científicos”.

Ferreira Gullar (1995, p. 21) reconhece a genialidade de Augusto dos Anjos e afirma que sua lírica sinaliza um salto na qualidade da poesia brasileira das últimas décadas do século XIX e do início do século XX. Mas afirma que “poucos críticos perceberam a sua genialidade, ou não se deram ao trabalho de aprofundar a observação feita”.

No nosso entendimento, a crítica literária não deve basear-se simplesmente na tentativa de encaixar versos em uma moldura pré-definida, visto que aquela se assemelharia a um jogo infantil de encaixes por

tentativa e erro, em que eventuais peças de formatos diferentes seriam repelidas, impedindo novos jogos ou novas maneiras de jogar. Essa atitude de enquadramento de uma obra tem como parâmetro uma história da literatura bem tradicional, que procura agrupar as obras por características semelhantes, colocando “vida e obra” lado a lado. Dessa maneira, o crítico não escaparia ao enquadramento das obras nos determinados movimentos literários conhecidos.

Essa crítica à maneira mais tradicional de análise da história da literatura foi abordada por Hans Robert Jauss (1994, p. 6), em sua palestra na Universidade de Constança, quando afirmou que o problema reside na característica da própria disciplina de história, que, como ciência, analisa fatos e acontecimentos do passado, de maneira objetiva, em ordem cronológica, agrupando-os por características semelhantes. Jauss questiona como uma disciplina, cujo objetivo é descrever como os fatos realmente aconteceram, pode analisar qualitativamente as obras do passado, visto que o historiador deve anular-se diante dos fatos pretéritos para analisá-los com isenção de subjetividade.

Para o crítico alemão, a qualidade de uma obra literária não depende das condições históricas, mas sim dos critérios da recepção, isto é, do efeito que ela causa no público leitor, ao longo do tempo. Para defender essa tese, Jauss cita o pensamento do historiador e político alemão Georg Gottfried Gervinus, de que “[...] uma descrição da literatura que segue um cânone em geral preestabelecido e simplesmente enfileira vida e obra dos escritores em sequência cronológica não constitui história alguma; mal chega a ser o esqueleto de uma história” (GERVINUS, apud JAUSS, 1994, p. 7).

A maneira mais tradicional de se aproximar da obra de Augusto dos Anjos fez com que Nazareth Menezes ficasse preso aos cânones do passado e tentasse enquadrá-la nos moldes conhecidos, o que foi impossível devido à singularidade da lírica do poeta paraibano.

Segundo Alexei Bueno (ANJOS, 1994, p. 33), o vocabulário científico é considerado “esdrúxulo e violentamente apoético pelos cânones clássicos”. O crítico explica que a estranheza causada pelo uso da linguagem científica, na poesia de Augusto

dos Anjos, vem do entendimento de que ela parece despropositada e inútil (ANJOS, 1994, p. 22).

“Recusar a palavra do poeta é negá-lo como poeta” (HELENA, 1994, p. 21). Desde a segunda metade do século XIX, a linguagem poética adquiriu caráter de experimento, em que as combinações de signos passam a criar um significado novo, obscuro e insólito. Hugo Friedrich (1978, p. 15-16) afirma que a lírica da modernidade apresenta uma obscuridade intencional, que desconcerta o leitor, levando-o à inquietude, mas que é justamente essa obscuridade que o fascina. O teórico cita a afirmativa de Baudelaire de que “existe certa glória em não ser compreendido” (BAUDELAIRE apud FRIEDRICH, 1978, p. 16), para fundamentar a existência dessa obscuridade. Essa tensão entre obscuridade e fascinação é chamada pelo teórico alemão de “dissonância”. A dissonância, segundo Hugo Friedrich (1978, p. 15-16) é uma das características da lírica moderna.

Ao procurarmos o sentido do termo “fascinar”, no dicionário, obtemos o seguinte significado: “atrair irresistivelmente, encantar, magnetizar, seduzir”³. Para o teórico Hugo Friedrich a atração (a fascinação) é elemento constituinte da tensão dissonante. O estudioso alemão menciona que o leitor pode experimentar sentimentos de estranhamento e desconforto diante da lírica da modernidade, mas que esses termos não são sinônimos de repulsa (isto é: de não fascinação). Hugo Friedrich não menciona a repulsa como elemento da dissonância.

A ausência de fascinação pode ser percebida na análise de Nazareth, que repudiou a lírica de Augusto dos Anjos. Nesse caso, com base no pensamento de Hugo Friedrich, podemos concluir que não há a presença da tensão dissonante, mas o que denominamos “desvio” em relação às normas mais tradicionais de análise da literatura. Esse termo faz alusão aos pontos que estão fora da curva normal de uma distribuição-padrão estatística. O desvio acontece em relação aos cânones e movimentos literários conhecidos. A presença maciça de termos

da ciência forma um ponto fora da curva-padrão, por isso existe a rejeição. Nazareth Menezes parece ter entendido esse desvio como defeito. No desvio não existe tensão dissonante, mas um afastamento, uma repulsão em relação à obra. A ausência da dissonância, neste caso, não impede a poesia de Augusto dos Anjos de ser considerada pertencente à modernidade, pois ela apresenta a característica, que para Hugo Friedrich (1978, p. 17) domina a poesia moderna: transformação. O crítico alemão considera a transformação sob dois aspectos: “no que diz respeito ao mundo, como à língua”. Quanto ao primeiro aspecto, as transformações ocorridas no universo microscópico das mônadas expressam a visão de mundo do sujeito lírico. A poesia de Augusto dos Anjos apresenta uma maneira diferente de ver o mundo. Este é descrito não a partir do simples olhar da realidade diária, mas de um universo que não pertence ao macromundo, do qual os seres humanos fazem parte. Quem poderia imaginar que os movimentos de seres microscópicos pudessem explicar a origem e o cessar da vida humana, justificando o porquê do pessimismo do sujeito lírico em relação à vida? “É uma trágica festa emocionante! / A bacteriologia inventariante / Toma conta do corpo que apodrece.../ [...] E após tantas vigílias, reduzir-se / À herança miserável de micróbios!” (ANJOS, 1994, p. 197). O micromundo (organismos microscópicos) reflete o macro (corpo humano) e vice-versa, pois os organismos que estão na natureza ligam-se simbioticamente à matéria do ser humano, formando o ciclo da vida. Os dois mundos estão em constante movimento, em permanente mudança.

Quanto ao segundo aspecto, a linguagem empregada por Augusto dos Anjos “aparece com significações insólitas. Palavras provenientes da linguagem técnica mais remota vêm eletrizadas liricamente” (FRIEDRICH, 1978, p. 17-18). O poeta paraibano evita comparações naturais e “força uma união irreal daquilo que real e logicamente é inconciliável” (FRIEDRICH, 1978, p. 18), criando metáforas extra-

³ Conforme consta no dicionário online *Michaelis*. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=fascinar+>. Acesso em 23 abr. 2019.

ordinárias: “O coração do poeta é um hospital / Onde morreram todos os doentes” (ANJOS, 1994, p. 292).

Outro crítico que parece não ter compreendido a lírica do poeta paraibano foi Osório Duque Estrada (ESTRADA, 1912), que, em 17 de junho de 1912, na Coluna “Registro literário”, do jornal *Correio da Manhã*, redige um texto, colocando em dúvida o equilíbrio do poeta. O autor dos versos que compõem a letra do Hino Nacional Brasileiro atribuiu à obra de Augusto dos Anjos palavras como, “extravagante”, “incongruente” e “um disparate”, acrescentando que o *EU* é um livro em que “mingua a poesia ao mesmo tempo em que avultam a cada passo as aberrações”. O ensaísta brasileiro afirma que “aqueles que buscam na poesia puro lirismo, [...] repelem os versos do poeta paraibano e lançam sobre ele excomunhão, fulminando-os impiedosamente com as setas envenenadas da zombaria e do remoque”. As restrições à poesia augustiana permeiam a crítica, que considera sua lírica complicada e atribui ao poeta “um lastro de cientista”, chegando a mencionar que “Nove décimos da produção contida no volume não passam de extravagâncias e de exotismo condenáveis” e que o poema “Monólogo de uma Sombra” apresenta um “estilo de extravagante pirotecnia japonesa”. O crítico condena várias poesias chamando-as de “verdadeiras monstruosidades, aleijões abortados de uma fantasia delirante e de uma torturada imaginação que se obstina em parecer única e original” e considera “inúmeros os versos duros e sem ritmo”, arrematando seus comentários com: “Um grande talento transviado pelo cientificismo”.

Segundo Lucia Helena (1994, p. 21), chamar a poesia de Augusto dos Anjos de “exótica” seria considerar que a palavra está fora de sua pátria, visto que “ex-ótico” significa “fora de sua ambiência usual”.

Em 6 de julho de 1912, Mário Pederneiras (1912) escreve um artigo intitulado “EU – versos de Augusto dos Anjos”, na coluna “O momento literário”, da revista *Fon-Fon*. Nele, o crítico afirma que: “O abuso do cientificismo é uma influência que há de passar no Poeta e livre desse exagero [...] Augusto dos Anjos há de dar-nos outro livro independente, forte”. O crítico afirma que a originalidade do poeta aumentará quan-

do esse “se libertar da compressão científica que o cerca e der ao verso todo o vigor do seu talento real e de toda a sua original e bizarra concepção de arte”.

A observação de Lucia Helena (1984, p. 18) que, “Augusto dos Anjos era aparentemente o soneticista da poesia científica”, confirma a predominância de termos da ciência em sua poesia, notada por Mário Pederneiras e Osório Duque Estrada.

Assim como Nazareth Menezes, Osório Duque Estrada e Mário Pederneiras também não perceberam que Augusto dos Anjos não tentou fazer poesia científica. O poeta, tampouco, procurou adequar-se à tendência do ufanismo científico dos últimos anos do século XIX. Os críticos entenderam o léxico científico, utilizado por Augusto dos Anjos, como “antilírico”. Contudo, os termos da ciência denotam a originalidade estética do poeta paraibano, em cujas mãos o monismo evolucionista se transformou em instrumento de representação de uma realidade concreta e caótica, causadora de um niilismo pungente no sujeito lírico. Entendemos que Augusto dos Anjos vislumbrou a vida pelas lentes de um microscópio, descortinando um mundo convulsivo, que “aos míopes da ordem sentimental aparecem longínquos e vagamente esfumados” (ANJOS, 1994, p. 57). Nas lâminas desse microscópio, o objeto de estudo era a vida e não as mônadas e os organismos ínfimos.

Vejamos as seguintes estrofes retiradas do poema “Monólogo de uma sombra”:

Quis compreender, quebrando estéreis normas,
A vida fenomênica das Formas,
Que, iguais a fogos passageiros, luzem ...
E apenas encontrou na ideia gasta
O horror dessa mecânica nefasta,
A que todas as coisas se reduzem

[...]

Será calor, causa ubíqua de gozo,
Raio X, magnetismo misterioso,
Quimiotaxia ondulação aérea,
Fonte de repulsões e de prazeres,
Sonoridade potencial dos seres,
Estrangulada dentro da matéria!

E o que ele foi: clavículas abdômen,
 O coração, a boca, em síntese, o Homem,
 - Engrenagem de vísceras vulgares –
 Os dedos carregados de peçonha,
 Tudo coube na lógica medonha
 Dos apodrecimentos musculares!
 (ANJOS, 1994, p. 65-66).

Nesses excertos, o sujeito lírico expressa a sua visão em relação ao que seja a vida: algo efêmero, resultante do movimento mecânico, como uma engrenagem, que se move devido aos fenômenos físico-químicos. O sujeito lírico entende a vida como uma realidade concreta, física, que tende a não existência, com a morte. Em momento algum parece-nos que os termos científicos foram empregados para fins didáticos, o que confirma a percepção de Santos Neto (SANTOS NETO, 1013 apud MAGALHÃES JR., 1977, p. 192) de que Augusto dos Anjos era “um apaixonado pelas ciências físicas e naturais”, sendo “um adepto da poesia científica”, mas que o fez “sem didatismos”; demonstra-se aí como o sujeito lírico compreende a vida. Tampouco entendemos tratar-se de exibicionismo do poeta o uso do léxico científico, haja vista “a presença de semelhante uso até em sua correspondência pessoal, escrita sem nenhuma intenção de fazer literatura, nos prova, aliás, o quão natural era para ele tal processo” (ANJOS, 1994, p. 22).

A impressão de anormalidade causada pelos versos de Augusto dos Anjos no crítico Osório Duque Estrada é uma marca da poesia da modernidade. Esse tipo de lírica apresenta uma maior dificuldade de análise, por se tratar de autores e obras cujo conjunto mal se consegue divisar, sem um parâmetro pré-estabelecido e conceituado. Provavelmente, por esse motivo, o crítico teve dificuldades em compreender a obra de Augusto dos Anjos e acabou por tratá-la com preconceito.

Considerado por Silveira Bueno (ANJOS, 1994, p. 11) como excêntrico e perturbado, um caso de “teratologia literária”, e por Medeiros e Albuquerque (1994, p. 89), como “um caso patológico em toda a extensão da palavra”, Augusto dos Anjos foi objeto de estudo por parte de Licínio dos Santos, em *A loucura dos intelectuais*, publicado em 1914, tendo o poeta

paraibano respondido a um inquérito por parte do autor, para fins de identificação de eventual moléstia psiquiátrica. Medeiros e Albuquerque também via Augusto dos Anjos como “um caso patológico em toda a extensão da palavra (ANJOS, 1994, p. 89). Concordamos com Lucia Helena (1984, p. 29) de que “Tentando ler no texto poético [...] o íntimo do poeta, a crítica promovia a morte do poema na vida do poeta”.

Humberto Nóbrega afirma com muita propriedade:

Esse mau vezo de julgar pelas aparências foi comum à chamada crítica científica, que pretendeu transportar para a arte os processos e métodos das ciências naturais [...]. Para tais críticos, toda manifestação de talento era sintoma de nevropatia [...]. O diagnóstico varia com a especialidade do crítico: enquanto uns falam em tuberculose, morfeia, [...] psicastenia, outros opinam pela esquizofrenia, delírio onírico, paranoia (NÓBREGA, 1962, p. 34).

Hugo Friedrich (1978, p. 18) afirma que a linguagem usada pela lírica moderna causa no leitor uma sensação de anormalidade. Para ele, “a ‘anormalidade’ é um conceito perigoso, porque causa a impressão de que existe uma norma que se perpetua, quando na verdade a ‘anormalidade’ de uma época tornou-se norma na seguinte [...]”.

Em 18 de junho de 1912, no *Jornal do Comércio*, a rubrica “Notícias literárias”, assinada por João Luso, pseudônimo do escritor português Armando Erse, radicado no Brasil, aproxima a poesia de Augusto dos Anjos à de Cruz e Sousa. O crítico também se refere à agitação e barulho que o *EU* causara no meio literário e chama-o de “um livro de escândalo” (MAGALHÃES JR, 1977, p. 265).

Em 9 de julho de 1912, Oscar Lopes, no jornal *O País*, escreve:

Augusto dos Anjos, autor de um livro de versos intitulado *EU*, fez barulho logo à chegada. A muita gente ele parecerá apenas um desequilibrado [...] com descaso por tudo quanto constitui a moeda corrente nas letras da nossa terra (LOPES apud MAGALHÃES JR., 1977, p. 259).

João Luso pensou a obra de Augusto dos Anjos tendo como pano de fundo a poesia simbolista, e Oscar Lopes talvez a tenha comparado com a poesia parnasiana, cuja forma, rima empolada e métrica estrita ainda encantavam a maioria do público leitor da época. Para termos ideia da atração que a poesia parnasiana causava, a revista *Fon-Fon*⁴, em 1913, promoveu um concurso, para eleger o “príncipe dos poetas brasileiros”, tendo obtido Olavo Bilac o primeiro lugar com 39 votos, seguido por Alberto de Oliveira com 34 votos. Augusto dos Anjos recebeu 1 voto.

Outro crítico que repudiou a terminologia científica na lírica de Augusto dos Anjos foi Álvaro Lins (ANJOS, 1994, p. 117), que, em 7 de março de 1947, no jornal *Correio da Manhã*, aponta “[...] a constatação de uma parte fraca, detestável sob certos aspectos, [...] a gritante roupagem de uma precária terminologia científica” e afirma que “a nomenclatura de ciências físicas e naturais nada acrescenta ao valor da poesia de Augusto dos Anjos, e antes prejudica-a pelo prosaísmo e mau gosto [...]” (ANJOS, 1994, p. 121), e atribui aos versos do poeta paraibano o adjetivo “detestáveis” (ANJOS, 1994, p. 120).

A nosso ver, a poesia de Augusto dos Anjos era uma grande esfinge egípcia, que, enigmática, acabou por devorar os críticos da época, que não conseguiram decifrá-la, justamente por abordá-la pelas normas da história da literatura, pela ótica da produção.

Certo que nem todos os críticos empreenderam um esforço arqueológico para compreender o poeta. Prova disso, reportamo-nos aos comentários de João Ribeiro, Gilberto Freyre, Medeiros e Albuquerque, Raul Machado e Manuel Bandeira, que atribuíram ao poeta a tuberculose, e nem se deram ao trabalho de procurar conhecer a causa de sua morte, quando bastava lerem o atestado de óbito do poeta, assim como a carta escrita por Esther Fialho, esposa de Augusto dos Anjos, à Sinhá-Mocinha, na qual diz que o poeta havia sofrido “uma congestão pulmonar que degenerou em pneumonia” (ANJOS, 1994, p. 803).

Uma maneira possível de analisar a repulsa à poesia de Augusto dos Anjos seria via teoria de Wolfgang Iser. Ao buscar por significações, os críticos orientaram-se por normas históricas, e estas não podiam captar a lírica augustiana. Segundo Wolfgang Iser (1996, p. 23): “A coisificação de normas históricas, todavia, foi sempre condição de miséria”.

Os críticos formularam as perguntas vigentes na época para tentarem entender a poesia de Augusto dos Anjos. Perguntar se sua poesia se enquadrava no parnasianismo, simbolismo ou se tratava-se de poesia científica, levou a respostas equivocadas, comprovando a falência do uso das normas históricas como referência para a crítica, pois as respostas são permeadas pelos pontos de vista dos críticos.

[...] o crítico pergunta se o romance [...] não contém, como sempre supôs, uma mensagem esotérica, uma certa filosofia, [...] ou ao menos uma figura de estilo impregnada de significações. Com isso está definido um repertório de normas característico da concepção literária do século XIX. A discursividade articula o sentido [...] ao âmbito da disposição subjetiva do crítico (ISER, 1996, p. 26-27).

Em 16 de julho de 1912, poucos dias após a primeira edição da obra, Hermes Fontes (1994, p. 49) escreve no *Diário de Notícias* que o livro foi o mais ruidoso nos últimos seis meses e afirma haver muitas coisas que o desagradam, “como a monotonia das ideias e de módulos, com os mesmos assuntos que perdem o condão de agradar e surpreender por serem insistentes”. Apesar de reconhecer a extravagância, originalidade e um fazer literário próprio em Augusto dos Anjos, o crítico diz que faltam finura e sutileza ao poeta e não consegue aceitar que ele pouco fala de amor. Para Hermes Fontes (ANJOS, 1994, p. 51), “um poeta sem amor é sacerdote sem fé”.

Hermes Fontes não considerou a poesia de Augusto dos Anjos como moderna. A lírica da modernidade não quer estar ligada ao conceito de “estado

⁴ Revista *Fon-Fon*, Ano 1913, Edição 0016 (1). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%201911&pesq=pr%C3%ADncipe%20dos%20poetas>. Acesso em 1 abr. 2018.

de ânimo”, da alma, utilizado pelo Romantismo, pois ele implica recolhimento a um estado introspectivo. O estado de ânimo na lírica moderna é diferente, “trata-se de uma polifonia e uma incondicionalidade da subjetividade que não mais se pode decompor em isolados valores de sensibilidade” (FRIEDRICH, 1978, p. 12), o que não significa que a poesia da modernidade não nasça da alma ou a desperte. Não se pode mais decompor a subjetividade. O autor não mais participa de sua criação como pessoa particular, mas como uma inteligência que poetiza, como um artista que experimenta os atos de transformação de sua criação.

A crítica de Hermes Fontes (1994, p. 50) assume tons positivos ao mencionar as estrofes disciplinadas, aos moldes dos “poetas de educação literária”, percepção obtida, provavelmente, tendo como parâmetro a poesia parnasiana. Mas, o elogio cede lugar ao estranhamento, quando os versos fogem do estilo parnasiano e introduzem termos escatológicos. Talvez, por não conseguir enquadrar Augusto dos Anjos na poesia parnasiana, Hermes Fontes o denomina “poeta bizarro”, “cuja primeira leitura do livro parece insuportável”, finalizando com o comentário: “um livro cheio de curiosidades” (ANJOS, 1994, p. 50).

Antônio Torres, a 27 de dezembro de 1914, no *Jornal do Comércio*, refere-se a Augusto dos Anjos como “um bárbaro, distante da perfeição, da ‘euritmia’, um poeta estranho e *sui generis*” (ANJOS, 1994, p. 52). Entendemos o adjetivo “bárbaro” não apenas como resultante da análise do léxico da poesia augustiana, impregnada por termos científicos, que a transformam, para os leigos em ciência, em quase um idioma estrangeiro, áspero, incompreensível à primeira leitura; mas também, referindo-se a um poeta que não seguiu os padrões e regras de estilo esperados pelo crítico, como um *outlander* à margem da superficialidade da “literatura sorriso” do início do século XX.

Antônio Torres chega a reconhecer que Augusto dos Anjos era um grande poeta, mas não consegue sustentar o elogio diante do desfile de termos escatológicos e científicos presentes nos versos do poeta paraibano: “suas expressões nem sempre correspondiam à grandeza do seu pensamento” (ANJOS, 1994, p. 52). O vocabulário usado por Augusto dos Anjos nitidamente

chocou o crítico, que se negou a exemplificá-lo, justificando que “a crítica não deve ser confundida com os gabinetes de anatomia, nem foi feita para ostentar monstruosidade” (ANJOS, 1994, p. 54).

Em 13 de junho de 1912, Augusto dos Anjos escreve a sua mãe: “O *EU* tem escandalizado o superficialíssimo meio intelectual daqui”, e acrescenta em outra carta aos 27 do mesmo mês: “Meu livro tem produzido um verdadeiro escândalo nesta terra. Discutiram-no até na Câmara dos Deputados [...]” (ANJOS, 1994, p. 736-737). Cerca de quatro meses após a primeira edição do livro *EU*, Augusto dos Anjos não mais o mencionou em suas cartas.

O poeta sentiu-se vítima de “uma conspiração manifesta e quase agressiva”. Mesmo a crítica “seleta e incentivadora” havia sido consequência da errônea análise do seu livro pela Academia Nacional de Medicina, que o incorporou ao acervo de sua biblioteca, por pensar tratar-se de um exemplar sobre haeckelianismo e evolucionismo spenceriano (ANJOS, 1994, p. 737).

A nosso ver, o poeta não foi vítima de “uma conspiração manifesta”. Não nos parece que existia uma conspiração para derrubar o poeta paraibano. Ele foi, na verdade, vítima de críticos que pensavam que somente uma mensagem ratificaria o sentido de uma obra. Mas, ao se fixarem na busca de um sentido oculto, não foram capazes de ver coisa alguma. Wolfgang Iser (1996, p. 28) afirma que, agindo assim, “Não surpreende que por fim o crítico considere a obra [...] sem valor, pois não se deixa reduzir ao padrão explicativo que o crítico nunca questiona”.

Mas por que os críticos agiram dessa maneira? Provavelmente, por estarem presos a normas históricas, não conseguiram se afastar delas e mantiveram os padrões estabelecidos, levando a um julgamento preconceituoso em relação à poesia de Augusto dos Anjos. Essa postura crítica poderia acabar influenciando o leitor, que encontraria dificuldades de desmentir a perspectiva do crítico. “Para o leitor, ler a contrapelo seria particularmente difícil, pois os preconceitos do crítico – compreender o sentido como mensagem ou como significação de uma filo-

sofia para a vida – lhe parecem tão naturais que até hoje ele os manteve” (ISER, 1996, p. 28).

Ao buscar pelo sentido na obra de Augusto dos Anjos, os críticos encontraram apenas lugares vazios, que não respondiam às suas perguntas por significação, visto que os versos do poeta seriam concebidos para a imaginação do leitor. Em sua teoria, Wolfgang Iser (1996, p. 32) usa a analogia de um desenho em um tapete persa, para explicar que o sentido de uma obra só pode ser captado na figura bordada nesse tapete. O teórico explica que a imagem se furta à referencialidade procurada pelos críticos. A imagem não descreve algo existente de antemão, ela não tem referencial.

Ao analisar uma obra sem o parâmetro das normas históricas referenciais, o seu sentido não é algo a ser explicado, mas um efeito a ser experimentado, que causa impacto no leitor. Para Hugo Friedrich (1978, p. 19), “a poesia moderna não é de se admirar nem de se rejeitar *a priori*”, visto que ela não encerra um significado “que satisfaça um hábito do leitor”.

Ao tentarem buscar o significado da obra de Augusto dos Anjos pela discursividade, os críticos o consideraram como portador de delírio vocabular. Um poeta que utiliza o verbo “feder” para se referir ao seu filho que nascera morto só poderia horrorizar “os defensores deste conceito esteticamente indefinível chamado ‘bom gosto’” (ANJOS, 1994, p. 29). Ainda sobre o soneto dedicado ao seu primeiro filho nascido morto, o verso “Na noumenalidade do NÃO SER” foi entendido como um “disparate filosófico” por Medeiros e Albuquerque (ANJOS, 1994, p. 29).

A presença de termos científicos na lírica de Augusto dos Anjos é tão acentuada, que, mais de dez anos após sua morte, Agripino Grieco, aos 16 de setembro de 1926, em *O Jornal*, também se refere a eles, atribuindo-lhes obscuridade de compreensão. “Augusto dos Anjos aproveitou os últimos lampejos de evolucionismo de Haeckel e Spencer sobrecarregando os seus versos de expressões arrevesadas, que tresandam a compêndio para exame: moneras, caos telúrico [...]” (ANJOS, 1994, p. 82). Para o crítico, os termos científicos parecem “simples charada zoofarmacológica” (ANJOS, 1994, p. 83).

Ao tratar a lírica de Augusto dos Anjos como uma “charada”, entendemos que o crítico também procurou por significados ocultos na poesia augustiana, formulando as perguntas usuais. Isto acontece, porque, segundo Iser (1996, p. 35), “desde o Romantismo, a literatura e a arte respondem, de diversos modos, às normas da teoria estética que as acompanham”. Logo, nada mais natural (e automático) do que formular as mesmas perguntas. Entretanto, as “respostas muitas vezes têm um caráter ruinoso para a teoria”, e poderíamos acrescentar, para a obra.

Entendemos a poesia de Augusto dos Anjos como provocadora, desafiadora das expectativas habituais do leitor. “Nesse sentido, ela tematiza uma propriedade específica da arte: a sua resistência em ser absorvida em uma significação referencial” (ISER, 1996, p. 36). Wolfgang Iser defende essa ideia, tendo como exemplo a *pop art*. Guardadas as especificidades, entendemos ser possível alocar esse pensamento para a lírica de Augusto dos Anjos, porque “ao insistir nas normas habituais de interpretação, o observador, fica com as mãos vazias” (ISER, 1996, p. 36).

Jauss (1994, p. 45) chama de presunção supor que um texto literário fora criado especialmente para a interpretação, ignorando-se que a obra de arte é feita para o leitor. O juízo estético deveria ser formado com base no efeito e recepção. O autor esclarece que o ato de recepção de uma obra de arte diferencia-se do ato de interpretá-la, pois a experiência estética não se inicia com a compreensão do significado da obra, muito menos com a intenção do autor ao produzi-la.

Os críticos, contemporâneos a Augusto dos Anjos, tomaram o caminho oposto ao postulado por Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss. Não podemos esquecer, é claro, que essas teorias surgiram alguns anos depois das primeiras críticas à obra do poeta paraibano. Logo, ao analisarem a obra de Augusto dos Anjos, os primeiros críticos não consideraram o que Jauss denominou “experiência primária”, isto é: a sintonia do leitor com o efeito estético, e ignoraram que a interpretação de uma obra de arte não pode negligenciar essa primeira experiência do leitor. Os críticos insistiram na inter-

pretação com base em um paradigma que lhes parecia a maneira mais apropriada na época.

Entendemos que a análise dos primeiros críticos da obra de Augusto dos Anjos não poderia ser diferente, visto que, no contexto da época, a poesia parnasiana ainda estava em voga, e somente era considerada “bela” a lírica que seguia os padrões estabelecidos. Uma poesia, como a augustiana, que desfilava termos científicos e escatológicos, passava longe dos padrões aceitáveis para os críticos da época.

Para a crítica, a arte era entendida como um conjunto pelo qual a verdade se manifesta. Referimo-nos ao pensamento de Hegel (s/d apud ISER, 1996, p. 36) de que “a arte não pode mais ser vista como manifestação apropriada da verdade” e que, ao se definir como arte, a arte moderna é uma manifestação da realidade, na qual a verdade não pode se apresentar, visto ser uma arte parcial. Conceber a realidade como uma imagem significaria devolver o caráter universal que a arte moderna perdera.

A lírica de Augusto dos Anjos, como arte parcial, apresenta em si o velho conceito da forma como ordem, equilíbrio, harmonia e integração das partes em uma unidade, mas ao mesmo tempo, como uma obra da modernidade, tem necessidade de desmentir esses conceitos, caso contrário, a mediação como arte fracassaria.

Com base no pensamento de Wolfgang Iser, o crítico, ao interpretar a obra de Augusto dos Anjos, exigindo que ela represente uma totalidade, fez com que ela fosse considerada decadente, isto é, atrás daquilo que já se tinha alcançado na arte. Isto é o que acontece quando o crítico se recusa a refletir sobre as normas históricas. O potencial de comunicação da obra de Augusto dos Anjos não poderia ser deduzido de um modelo de análise historicamente aceito. Isso degradou a obra.

Ao ser abordada pela ótica da história da arte, a lírica de Augusto dos Anjos foi nivelada a um documento histórico, perdendo a sua capacidade de comunicação.

Quando o teórico Hans Robert Jauss proferiu a sua aula inaugural, na Universidade de Constança, ele queria instigar uma reflexão acerca da maneira como uma obra literária seria analisada, deixando

claro que a história da literatura, por aproximar-se da ciência, não daria conta da recepção e do efeito da obra no leitor. Em seu ensaio “A estética da recepção: colocações gerais”, Jauss (1979, p. 44) defende a ideia de que a estética se ocupa do papel de apresentar a arte, e que a história da arte pode ser compreendida como uma história das obras e de seus autores. O estudioso escreve que o estudo da arte nos moldes da ciência nos auxilia a traçar a genealogia da arte, incluí-la em um determinado lugar do tempo e definir a sua originalidade. Entretanto, a investigação científica não nos auxilia a compreender a atividade receptiva e comunicativa. Nivelar como documentos um texto literário e um texto histórico é colocar ambos sob a investigação científica, o que não auxilia na compreensão da atividade receptiva e comunicativa do primeiro. “Pois é característico dos textos literários que não percam sua capacidade de comunicação depois que seu tempo passou; muitos deles ainda conseguem ‘falar’ mesmo depois que sua ‘mensagem’ se tornou histórica e sua ‘significação’ se trivializou” (ISER, 1996, p. 40). A crítica que usa uma técnica científica para tentar controlar o fenômeno poético foi denominada por Lucia Helena de “crítica vigilante” (1984, p. 47). Parece-nos que Augusto dos Anjos foi exposto a essa crítica, que procurou controlar o texto para não ser pega de surpresa por ele.

Em sua resenha “A teoria do efeito estético de Wolfgang Iser”, Hans Ulrich Gumbrecht (1979, p. 419), tece comentários a respeito do pensamento de Iser, os quais achamos pertinentes para o entendimento do modo de análise da “crítica vigilante” do início do século XX, que, segundo Lucia Helena (1984, p. 48), “se mantém desperta e procura proteger-se”. A nosso ver essa proteção seria assegurada via normas históricas de análise vigentes no século XIX.

Em 1912, quando o poeta paraibano lançou o seu livro de versos, a crítica ainda se apoiava nessas normas. Os primeiros críticos empreendiam a “simples procura de um significado, pretensamente contido no texto, que com frequência origina a pergunta, por que o autor ‘não se expressou logo de maneira compreensível’” (GUMBRECHT, 1979, p. 419). Essa era a pergunta adequada para a compreensão de uma

obra no século XIX, visto que a função da literatura era, então, ser o “núcleo da religião artística dessa época” e que “prometia soluções que os sistemas religiosos, político-sociais ou das ciências naturais não mais podiam oferecer”.

O pensamento de Wolfgang Iser critica justamente a continuação dessa prática de interpretação via conceito de arte parcial, observado desde o século XIX, para justificar sua tese contra o “legado do direito à interpretação universal, mas também contra o status da descoberta de significados como tarefa principal da interpretação” (GUMBRECHT, 1979, p. 419).

A nosso ver, os críticos seguiam um sistema de análise pré-estabelecido e usual à época. Parece-nos que esse sistema preconizava a busca por simetria na obra de arte, o que, provavelmente, facilitaria a interpretação da obra e a identificação de tudo o que fosse assimétrico, isto é: que destoasse do considerado belo e apropriado.

Logo, confirmamos a hipótese de que as normas tradicionais asseguram à interpretação um alto grau de certeza. Diante de uma lírica repleta de termos científicos, sem o objetivo didático, o terreno mais seguro, para os críticos, foi confrontá-la com a literatura clássica.

Wolfgang Iser (1996, p. 44-45) apresenta outra explicação para a insistência nas normas clássicas de interpretação: a consistência necessária para a compreensão. Para isso, alude à metáfora da diligência de Fielding e Scott. Nessa diligência o leitor é o viajante através do romance. A viagem é difícil, porque o viajante precisa combinar em sua memória tudo o que vê e estabelecer um padrão de consistência, isto é: de lógica. O grau de confiabilidade depende parcialmente do grau de atenção dele em cada fase da viagem. Entretanto, “em nenhum caso, porém, a viagem inteira é disponível para o leitor a cada momento”.

Wolfgang Iser (1996, p. 45) refere-se ao “critério de disponibilidade”, criado por Philip Hobsbaum, para explicar que “a falta de acessibilidade é compensada pela introdução de critérios habituais de avaliação; estes antes caracterizam o crítico do que a peculiaridade da obra”. A falta de acesso à obra inteira leva o crítico e o leitor a utilizar orientações habituais. O crítico é um leitor como qualquer outro que procura

compreender a obra, mas a situação dele se torna mais difícil à medida que ele insiste em uma norma orientadora. Wolfgang Iser (1996, p. 45) conjectura que se essas normas são as clássicas, “pode-se suspeitar de que as normas estéticas servem nesse caso para justificar os atos subjetivos de apreensão”.

Parece-nos que a obra de Augusto dos Anjos é rica em rupturas de consistências, o que dificultou o estabelecimento da consistência necessária para a sua apreensão por parte dos críticos, que, mesmo depois de vários anos da morte do poeta paraibano, pareciam ainda estar presos a normas tradicionais de interpretação.

Percebemos um quadro de penúria de instrumentos da análise crítica da obra de Augusto dos Anjos.

Conforme afirmou Alfredo Bosi (BOSI apud HELENA, 1984, p. 40), “Augusto dos Anjos seria um poeta que deve ser mensurado por um critério estético extremamente aberto”. Mas não foi dessa maneira que o poeta paraibano foi recepcionado pela crítica, cujas leituras criaram para ele rótulos que permanecem até hoje, como: “Augusto dos Anjos é um poeta obcecado pela imagem da morte e da putrefação” e “O poeta da morte”.

Augusto dos Anjos moveu-se contra a maré consagrada dos movimentos literários conhecidos. Sua poesia, lastreada de tradição e originalidade, causou rebuliço em sua época. Até hoje cria polêmica, com a disputa da Paraíba, a reclamar seus restos mortais que estão em Leopoldina, Minas Gerais. Mas, o verdadeiro corpo do poeta é sua obra, dissecada pelos críticos ávidos em decifrá-la.

A fortuna crítica do poeta é vasta, mas várias análises são caricaturas de uma vida trágica. Algumas críticas nos parecem apressadas, principalmente as do início do século passado. Entretanto, foram relevantes, porque traziam as primeiras impressões acerca da obra augustiana. Apesar de essas análises terem sido marcadas por certa imaturidade, chegando a serem consideradas como “subcrítica”, por Fausto Cunha (ANJOS, 1994, p. 166), não entendemos que os primeiros críticos cometeram equívocos, simplesmente, por repudiarem a obra do poeta ou realizarem suas análises, tendo como parâmetro uma abordagem mais tradicional. Na verdade, entendemos como uma

ingenuidade (ou inépcia?) da crítica da época, que para entender o objeto de estudo, tentaram domar a ferocidade do poeta paraibano.

Não podemos esquecer que o período em que a obra de Augusto dos Anjos surgiu não era caracterizado pela quebra de velhos padrões. Logicamente, a análise tradicional limitou a observação dos primeiros críticos, prejudicando suas conclusões. Esses se basearam em fórmulas estabelecidas pelos seus antecessores e pelo contexto da época para tecerem suas impressões sobre um poeta que entendemos como difícilíssimo, visto ter trabalhado com a forma soneto, em contraste com um conteúdo de termos da ciência. Talvez, esse contraste, que entendemos como grotesco, possa ter sido a causa do estranhamento e repulsão dos críticos da época, acostumados com um *approach* mais tradicional, que não permitiria a aceitação de um poeta tão singular como o brasileiro Augusto dos Anjos.

Referências

- ANJOS, Augusto dos. *EU, outras poesias, poemas esquecidos*. 31. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1971.
- ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*: volume único. Organização, fixação do texto e notas, Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia*. Com um estudo crítico de Ferreira Gullar: Augusto dos Anjos, ou Vida e morte nordestina. São Paulo: Paz e Terra, 1995. <https://doi.org/10.2307/4530544>
- DA MATTA, Carmen da. O Rio de Janeiro na literatura: Rio de Janeiro, solo configurador da literatura nacional. *Revista Rio de Janeiro*, n. 10, p. 259-278, maio-ago., 2003. <https://doi.org/10.31254/sportmed.1202>
- ESTRADA, Osório Duque. *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1912, Ano XII. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_02&pasta=ano%201911&pesq=augusto%20dos%20anjos. Acesso em: 24 abr. 2018. <https://doi.org/10.17771/pucRio.acad.23681>
- FERNANDES, Flávio Sátiro, *Jornal de Poesia*. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/augusto18.html>. Acesso em: 2 nov. 2017.
- FRIEDRICH, Hugo. *A estrutura da lírica moderna*: da metade do século XIX a meados do século XX. Tradução Marise M. Curioni; tradução das poesias por Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades: 1978, p. 9-34.
- GESTEIRA, Sérgio F. Martagão, *Imagens da turbulência na poesia de Augusto dos Anjos*. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 21, n.35, jul./dez. 2014.
- GULLAR, Ferreira. *Augustos dos Anjos, ou vida e morte nordestina*. In: GULLAR, Ferreira. *Augusto dos Anjos: toda a poesia*; apresentação Otto Maria Carpeaux. 3. ed. Ver. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p. 17-74. <https://doi.org/10.11606/d.8.2009.tde-24112009-104107>
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. In: JAUSS, Hans Robert et al. *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HELENA, Lucia. *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura da Paraíba, 1984.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. I. Tradução por Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34. 1996. Disponível em: <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/iser-wolfgang-a-arte-parcial-a-interpretacao3a7c3a30-universalista-in-o-ato-da-leitura.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2018. <https://doi.org/10.5380/rv.v1i13.18076>
- JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-82.
- JAUSS, Hans Robert et al. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- MARTINS JUNIOR, Izidoro. *A poesia científica*. Recife: Imprensa Industrial. 2. ed. 1914. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6e/Poesia_cient%C3%ADfica.pdf. Acesso em: 10 abr. 2018.
- MAGALHÃES JR., Raimundo. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília, INL, 1977.
- MENEZES, Nazareth. EU – por Augusto dos Anjos. *Jornal Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1912. In: O livro do dia. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%201911&pesq=augusto%20dos%20anjos. Acesso em: 10 abr. 2018.
- PAIM, Antônio. *A Escola do Recife. Estudos complementares à história das ideias filosóficas no Brasil*. Vol. V. Paraná: Editora UEL. Disponível em: http://institutedhumanidades.com.br/arquivos/escola_do_recife.pdf. Acesso em: 10 abr. 2018.
- PEDERNEIRAS, Mário. EU- versos de Augusto dos Anjos. *Revista Fon-Fon*, In: O momento literário, Rio de Janeiro, 1912, Ano 0027, Edição 0027. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%201911&pesq=augusto%20dos%20anjos>. Acesso em: 24 abr. 2018.
- ROSENFELD, Anatol. A costela de prata de Augusto dos Anjos. In: ROSENFELD, Anatol. *Texto Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

Recebido em: 19/10/2018.

Aprovado em: 16/4/2019.

Denise Carneiro Nazareth

Doutoranda em literatura brasileira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6246-9582>

E-mail: denisec.nazareth@gmail.com

Endereço de correspondência: Rua São Francisco
Xavier, 357/508. Maracanã. CEP 20550-010. Rio de
Janeiro- RJ